

## Organização

Iasmim Santos Silva  
Maria Carolina de Andrade Freitas  
Miguel Levi de Oliveira Lucas  
Renata Gonçalves de Melo  
Thauany Duarte Diniz



*fogo-fátuo*

2020

## **Organização**

Iasmim Santos Silva

Maria Carolina de Andrade Freitas

Miguel Levi de Oliveira Lucas

Renata Gonçalves de Melo

Thauany Duarte Diniz

# **fogo-fátuo**

Divinópolis (MG) – 2020

F656

Fogo-fátuo [recurso eletrônico] / Organizado por Iasmim Santos... [et al.] . –  
Divinópolis : [s.n.], 2020.  
38 p. : il.

Disponível em: <http://www.uemg.br/divinopolis>

ISBN: 978-65-00-14679-0

I. Literatura brasileira - Poesia. I. Silva, Iasmim Santos. II. Freitas, Maria Carolina de Andrade. III. Lucas, Miguel Levi de Oliveira. IV. Melo, Renata Gonçalves de. V. Diniz, Thauany Duarte. VII. Universidade do Estado de Minas Gerais. V. Título.

CDD: B869.91

CDU: 821.134.3(81)-1

**Ficha catalográfica: Marlene Maria Ribeiro CRB-6/1851**

## **Expediente**

### **Coordenação**

Maria Carolina de Andrade Freitas  
*Professora do curso de Psicologia da UEMG  
Divinópolis e coordenadora do projeto de  
extensão “Estudos transversais em Educação:  
arte, memória e criticidade”*

### **Arte da capa, projeto gráfico e diagramação**

Diêgo Garcia  
*Assessoria de Comunicação da UEMG Divinópolis*

### **Apoio de montagem**

André Camargos  
*Assessoria de Comunicação da UEMG Divinópolis*

### **Apoio e revisão**

Elvis Gomes  
*Assessoria de Comunicação da UEMG Divinópolis*

### **Ilustrações**

Ângelo Andrade

## Apresentação

Uma experiência feita por pontos. Costura ziguezagueante por condição. Arremata conexões-sementeiras aguardando o curso dos fluxos explodir acontecimentos, frente ao abismo, na abertura ao mar-horizonte. Produção de novos relances. É preciso navegar. Procura de aventura polifônica, que ressoe outras melodias, que encare a estridência da catástrofe e a contorne até onde possível, invertendo-a a direção e implodindo-a. Torcer. Feituras de avesso, torceduras, aposta (Ginzburg, 2001). “Fogo-fátuo” situa uma experiência em meio à pandemia de Covid-19 de produção de saraus poéticos e diários de quarentena como uma ação do projeto de extensão “Estudos transversais em Educação: arte, memória e criticidade”, da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Unidade Divinópolis. A iniciativa envolve os cursos de História e Psicologia em trabalho interdisciplinar. Percorre e conclama a comunidade acadêmica e a comunidade externa para, em comunhão, implementar um fazer que extrapole o golpe político e a crise sanitária que experimentamos, a fim de enfrentar o distanciamento social imposto pela pandemia e as dificuldades de trabalho remoto encontradas diante das urgências em curso.

## Sumário

### **Ruth Batista**

*Entre amores* 8

*A sandália e o congelador* 9

### **Miguel Levi**

*Oceano II* 11

### **Ângelo Andrade**

*Poema Ainda sem Título* 11

*Poeminha maroto* 12

### **Ana Paula Patrocínio**

*25/06/20* 12

### **Cristiane Brememkamp Cruz**

*INSONE* 14

*UMA CARTA PARA O TEMPO* 16

### **Glicério do Rosário**

*Encantoar* 17

### **Sarah de Souza Cardoso**

*Sem título* 17

<b>Marconi Fonseca</b>	
<i>entre deus e a janela</i>	19
<i>o dia em que fiquei azul</i>	20
<i>quando é ainda será</i>	21
<b>Patrícia Peterli</b>	
<i>CARTA PARA A PRESENÇA DE OTÁVIO</i>	23
<i>LEMBRETES NO OLHO DO CAOS</i>	26
<b>Marina Fortunato</b>	
<i>LEMBRETES NO OLHO DO CAOS</i>	28
<b>Dimitri Fortunato (8 anos)</b>	
<i>(Título em aberto para livre interpretação)</i>	30
<i>Poema que é poema</i>	30
<b>Carolina Rocha</b>	
<i>Os confinados</i>	31
<b>m o</b>	
<i>Sem título</i>	33
<b>Maria Carolina Freitas</b>	
<i>Marco Marciano</i>	33
<i>Diários de Quarentena</i>	35
<b>Maria Luisa de Andrade Freitas</b>	
<i>Sem título</i>	37

## **Ruth Batista**

*Entre amores*

---

Essa noite o amor vai vestir traje novo.

O amor (dos enamorados) consciente sabe que não deverá sair às ruas, aos bares, aos motéis, aos shoppings como sempre fez durante anos.

Essa noite não!!!

Não há presente para o amor, se não for possível avistar um futuro que o sustente.

O amor fragilizado foi visto, na véspera de hoje, pedindo conselhos ao sábio amor, pois temia não encontrar estratégias para sobreviver em tempos difíceis.

O sábio amor, experimentado pelas linhas do tempo, sussurrou ao jovem amor: encontre jeitos, se preciso for, alinhave, costure memórias com folga, sem apertar muito para não romper suas delicadas linhas.

Lembre-se, o mundo anda torto.

Tem anéis afrouxando nos dedos, em desamor.

Mas não se iluda!

Há amantes por todo lado.

Em pandemia, espalhando-se por aí, o amor escolheu vestir seu melhor traje hoje.

Sem se importar para onde ir.

Ele só quer ficar.

Ele sabe que sua luta é continuar.

É luta por existir.

Ser amor há de continuar sendo sua maior conquista.

Junho/2020

## **Ruth Batista**

### *A sandália e o congelador*

---

Existe uma ordem de utilidade e estética para todos os utensílios desde sua concepção.

Nos ensinaram assim.

Seguimos, anos após anos, transmitindo o apreendido.

Veja o exemplo da sandália guardada no congelador.

Na base da lógica, a sandália está para o armário assim como o gelo está para o congelador.

No sentido estético, a sandália desorganiza a percepção de utilidade.

A moral logo argumenta em assombro: – a sandália erra ao se apropriar do congelador desse modo, e isso não pode acontecer.

Resta a ética afirmar a potência do ocorrido transformando-o em cuidado.

Se a memória pode operar em desvios, margeando sensações, traçando novos acoplamentos por linhas de conexões, ainda que estilhaçadas, qual seria mesmo a função do congelador?

Poderia ele, em expansão, cortar o tempo do sentido e acolher uma sandália?

Tornando-se um armário com porta de nuvem fria e esfumaçada?

A memória anda frouxa e brinca nas franjas dos acontecimentos.

E enquanto isso a sandália, feliz, congela no congelador.

Voo de origamis



## **Miguel Levi**

*Oceano II*

---

Quase cinco da tarde  
me apareceu oceano.  
Eu escalé.

O vento urrava  
o sal cegava  
as ondas maiores que o mar

Eu olhei para o oceano  
encarei-o  
ele olhou de volta  
Eu, que nunca fui bobo,  
fechei os olhos.  
Tive medo.

## **Ângelo Andrade**

*Poema Ainda sem Título*

---

Um dia, me vi em Drummond  
Talvez porque...  
Tenho Andrade em meu nome  
Talvez porque estou ficando calvo  
Talvez porque tenho fome  
Assim que nem ele  
Sou de Minas  
Perco-me pelas esquinas  
No caminho há uma pedra

E nele prossigo.  
Como José para onde?  
Tenho Andrade em meu nome  
Não sou Drummond  
Mas tenho Fome.

### **Ângelo Andrade**

*Poeminha maroto*

---

Quem me dera uma política com bons homens e  
boas mulheres  
Quem me dera que todos tivessem cheias as suas  
colheres  
Que a saúde não estivesse doente  
e que a educação e a cultura fossem da gente  
Que os partidos não tirassem partido  
Que tudo fosse igualmente dividido.

### **Ana Paula Patrocínio**

*25/06/20*

---

Em meio às brasas da fogueira da ressaca de 24 do  
João  
Que não se acendeu e por isso não conseguiu  
apagar esse terrível incêndio  
Sente-se o trepidar das in-fâncias em chamas...  
...  
Inesperadamente um feixe de luminosidade se  
acende no alumiar da fogueira que não se acendeu...  
...

Sente-se um sopro de brisa vindo lá das entranhas  
de um território pulsante.

Pés descalços sapateiam a terra criando ondas  
sonoras capazes de acordar os espíritos protetores  
da vida na mãe-terra Brasilis.

Ondas emitidas pelos sons dos cantos de  
passarinhos que vibram na intensidade sonora dos  
pés em meio ao trepidar das chamas insistentes.

Um coração antes gélido e sem esperanças...

De um corpo dolorido e cansado...

Profundamente doído das dores do mundo... que,  
mesmo em frangalhos,

Sente no sopro da brisa,

Um pulsar de vida capaz de aquecer por instantes  
um coração que, aos pulos, brinca com a  
emergência de petecas em construção.

Entre uma dobra e outra... Uma linha desejanse se  
insinua: intrigante, chapiscada e vibrante.

Linha estendida silenciosamente por um olhar que  
socorria e pedia socorro invadindo completamente  
um corpo.

Nesse movimento de vida, entre o trepidar das  
chamas, ouvem-se gargalhas, mas também um  
silêncio que pede passagem para um cuidadoso  
trabalho do pensamento: corpo brincante que  
deseja vida vibrando por entre as chamas e  
chapiscos...

Desliza por entre elas e insiste em lutar pela  
vida que se expressa em um fazer simples  
num encontro ordinário perdido em meio ao  
bombardeio de fagulhas de fogo;

Força in-fante convoca-te à luta.

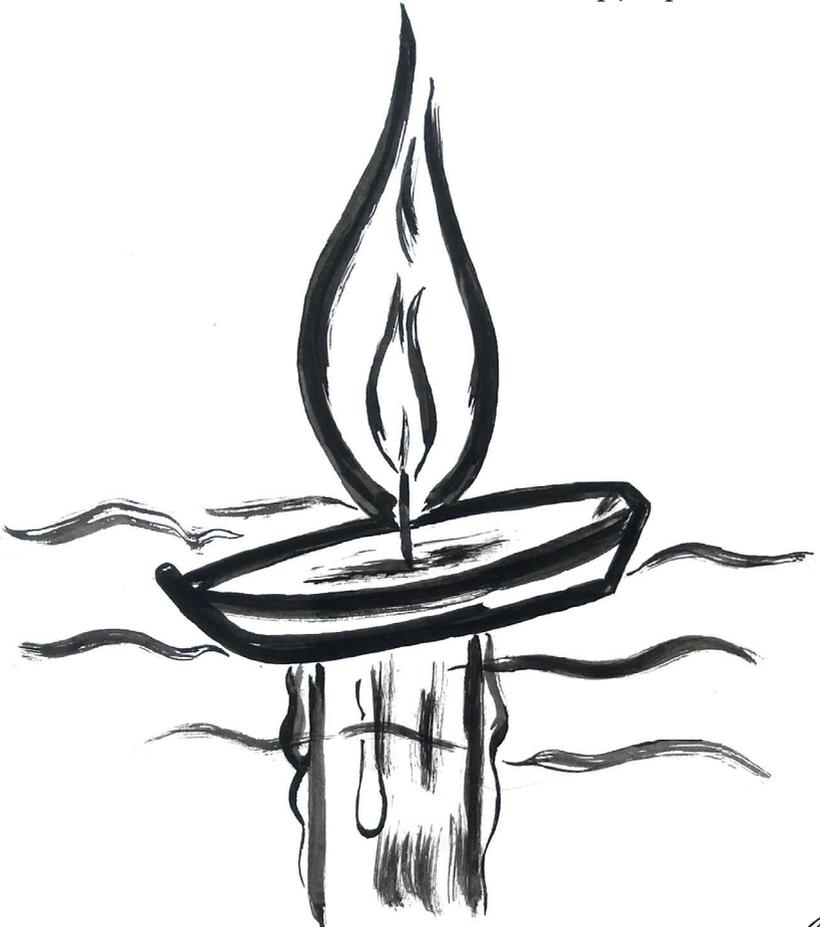
## **Cristiane Brememkamp Cruz**

### *INSONE*

---

Caixotes e fitas isolantes e copo que se estilhaça no chão. Tudo acontece no calor do quarto ao lado. As pessoas irão se mudar. Ouço ruídos. Do lado de cá a insônia toma conta de mim como babá que não canta de ninar senão o “Boi bumba meu boi”. Dispo-me ponho a escrever na tentativa de provocar uma mutação sensível no estado de mal-estar em que me encontro. Esforço-me por conectar corpo e espírito para em seguida dormir em paz. Mas a insônia segue babá. E o boi bumbá surge sem língua, vestido a amarelo-ouro e lenço vermelho, reclamando não poder dizer um sonoro SIM. Tento jogá-lo pra longe, apresso por chicoteá-lo no lombo e segurar-lhe os chifres. E embora o boi bumbá já sem língua, restam-lhe quatro patas de elefante. Gordo e pesado sou pisoteada; o nariz empinado esconde tromba. Vou até a janela e olho a lua, miro-a profundamente. Está minguante e desbotada. Desvio ao poste que reluz ao cume, tão concentrada que lhe dou de cara. Já é outro dia, ainda ontem. Avançada acordo. Há um tigre em mim pintando equipar-se ao desenhar letras no papel. Reinam bichos e feras de corpo a esmo. Na dobra insônia há perplexidade e selva. O encontro a contrapelo é intensivo e empenho-me em decifrar os signos que compõem a paisagem ofuscada de luz. Meu corpo reluta em concebê-lo, pois mis ojos não conseguem acompanhar os fótons se desmanchando e recompondo – só o percebem como bicho-papão de energia alheia. A luta é já comigo desde a qualidade que o movimento não emerge – Estanque. Aciono então o para-brisa, e de um lado a outro, limpo o imponente ponto de vista, rasgando-lhe as entranhas e revolvendo as suas feiuras, destruindo a casca de nozes que o envolta em dureza. Uma voz ecoa: “Sempre há luz”. Caio de pálpebras.

Concepção poética



## **Cristiane Brememkamp Cruz**

### *UMA CARTA PARA O TEMPO*

---

Ah, tempo! Meu tão companheiro – por que agora grita assim, tão distante? Andas tão estranho, já não sei. A cada balbucio meu, vai de berros. A cada passo meu, vai de cinco ou mais. Dessa feita, já não precisará de trompete e rompantes para anunciar meu desconforto. Assim é que me sinto. Diz que vai pra longe, para onde suportem seu barulho miúdo... Do lado de cá, chateio. Oras, sei que são de tua natureza o silêncio e o passo curto. Mas por que me encurrala e envolve em situações paradoxais? Por um lado, não para de gritar aos meus ouvidos zumbindo que seja escutado às pressas e, por outro, exige cumprir, silencioso, tua tarefa. Assim me complica, não vês? Chego a achar que há dois de vós, distintos: um que é manso e acolhedor das ressonâncias que nos afetam e outro que, de tão caxias, esquece sua dimensão de espessura experiencial. Perceba, meu bom amigo: precisamos sintonizar nossos timbres de voz! Gosto tanto mais de você quanto mais dadivoso me chega – contagiado por uma gotícula de chuva que cai e silencia. Mas não é assim que tem se portado ultimamente – avesso ao que nos move quando encontramos signos da Vida. Tudo bem, não te preocupes, sei que tenho parte no ocorrido contigo, neste seu jeito torto e utilitário de me acompanhar. Por isso lhe escrevo com tanto apreço. Como fazemos para nos reconciliar? Venho pedir em nome de nós que não existimos senão juntos. Em nome de uma relação que nos seja mais libertadora. Eu agora te acolho desejosa de abirmos um espaço de ressonância entre nós. Escuta-me, bom amigo, haveremos de nos compor com um brilho definido! Como na canção que já não paro de escutar... Um ponteiro girado ao contrário nos espera! Haverá de ser esta

a nossa conciliação: uma canção alegre de pausa, uma voz sussurrada de interrupção. Já não se trata de pegar velocidade, você me ensina, mas de mudar de direção. Esta é a sua natureza demorada (a que enamoro...). Entendas, contudo, o quanto me é difícil, tendo em vista que sua outra ponta, também você, me agarra e empurra pedindo ação. Ah, tempo! Haveremos de continuar esta conversa, vagarosa, porquanto continuarmos a vida...

### **Glicério do Rosário**

*Encantoar*

---

Nossa terra já foi encantada  
Seres encantados  
Tupi, Tupã, Irmão urubu  
Hoje, terra doente  
Seres encantoados  
Toadas sufocadas  
Pajelanças azedadas  
Grileiros grotescos genocidas gargalham  
Barganham, afrontam, azurram  
Mastigam cantos sagrados  
Ressecam gargantas de rios  
Cipós sem nós  
Florestas sem xamãs, sem Caiapós  
Mas um índio virá  
Quiçá das raízes comunicantes  
De comunidades de árvores que,  
Tramando subterraneamente,  
Forjando substâncias  
De um novo índio que virá

Quiçá em outra forma vital, virtual  
Quiçá viral  
Irmanando todos e todas  
Contemporaneamente  
Até mesmo um imbecil presidente  
Que pretende civilizar grotescamente  
Seres que já foram encantados  
Donos dessa terra, poeticamente  
Esta civilização encantada precisa vir..  
Virá que eu vi

### **Sarah de Souza Cardoso**

---

Produções de textos, no meu ponto de vista,  
precisam ser sentidas.

Meus textos chegam até mim como uma convocatória, muito mais do que uma demanda de escrita, é uma demanda de sentir. Minhas produções escritas são reverberações daquilo que ecoa em meu ser, como um sistema arborescente, rizomático, que flui sem ponto de partida ou de chegada. Apenas fluxo constante.

Escrever, no entanto, não é uma tarefa fácil; é árduo. Pois trata-se de colocar para fora aquilo que transborda por dentro. Fora e dentro são polaridades não tão extremas, pois tudo é dentro e fora. Tudo forma e deforma. Escrever é revelar discontinuidades que vislumbram passagens possíveis dos devires e das forças menores. Escrever é capturar o ínfimo, mesmo que a captura também seja passageira. Possibilitar uma escrita que passa pelo fronteiroço torna-se tão desafiador quanto tentar tamponar sua vazão.

Não, escrever sobre o que transborda não é fácil,

não é lógico – afinal do que se trata a lógica? A colonialidade estabelece lógicas a serem seguidas que emergem do próprio fracasso, então pra que buscá-la? O fluxo da arborescência não comporta a racionalidade ocidental e escrever trata-se de experimentações das tramas e dos enlaços que nos afetam. É sobre tramar afetos que ligam mundos possíveis entre passado, presente e futuro, criando presentes. pre/sentes. pré/sente. Primeiro sente depois escreve e enquanto escreve sente, e o rizoma se constitui. E nesse instante, não há mais ordem a se seguir. Há apenas agenciamentos de desejos. Desejos que se produzem e fraturam a hegemonia do tempo colonial, criando contato com os fragmentos de cura que habitam as insurgências. Portanto, ziguezaguear pelas palavras, pra mim – e em mim –, funciona nesse completo descontínuo do sentir e do porvir.

### **Marconi Fonseca**

*entre deus e a janela*

---

o olho acordou  
não viu o que via  
insistiu  
e o que não via  
passou a ver

em princípio  
viu a si mesmo  
no rosto do espelho  
e sorriu

depois virou-se  
viu paredes  
objetos quadros  
jarros  
cachos de brinquedos  
espalhados

crianças imóveis  
compenetradas  
num canto colorido  
da sala

livros abertos  
com rastros de dedos  
por letras e páginas  
depois dirigiu-se  
à janela  
e viu folhas e viu carros  
e viu cães  
e viu gente invisível  
caminhando de mãos dadas  
com a massa perfumada  
do vento e dos pães

o olho viu  
percebeu a grandeza  
das coisas  
e tempos simples

e resolveu andar  
e andou

e se viu iluminado  
solto na primavera

e saiu de si  
virou pássaro

no espaço  
inventado  
entre deus  
e a janela

**Marconi Fonseca**

*o dia em que fiquei azul*

---

certa vez fiquei  
azul  
por alguns segundos

engoli o céu  
inteiro  
-chão de nuvens-

estive a um passo  
de virar anjo  
no meio da rua

a correr atrás das pipas  
pela flor da tarde  
antes de o sol ser digerido  
por algo chamado noite

coisas da infância  
isso

meninos doidos  
em cima das árvores  
nadando por muros  
escalando rios  
seguindo procissões  
imaginárias  
de belas moças e saias  
e loucos cães no cio

impregnados  
do odor das praças  
do perfume dos pães  
da visão luminosa  
dos vestidos

coisas da memória  
isso

de lembrar de tudo  
um pouquinho

até do dia  
em que certa vez  
fiquei azul

quando entrei sem ver  
no olho encantado de um

passarinho

**Marconi Fonseca**

*quando é ainda será*

---

expressa-se  
na manhã  
que se arma  
de sol  
no olhar  
da criança  
ainda no sonho

de ser  
no coração  
do silêncio  
que acolhe  
o gesto do grito  
no cisco  
que cai  
do céu  
e vinga

expressa-se  
na noite  
que acende  
a vida  
essa luz  
amor que é  
será e foi  
estrela ainda

Uma gota



## **Patrícia Peterli**

### *CARTA PARA A PRESENÇA DE OTÁVIO*

---

Otávio,

Tenho ouvido queixas de que a cidade anda morta. Meu coração-pivete ofendeu-se. É debaixo de uma marquise que ele sempre esteve, com os pés descalços, perambulando nas ruas, observando as casas e trocando de endereço. Há uma cidade invisível com corações batendo, vivos. Cartografando desgraças, esses corpos não passam pelo crivo daqueles que têm paredes para conterem ao menos um de seus medos. Otávio, meu menino, há corpos invisíveis que também sentem medo, mas vivem numa casa com lamparina de estrelas.

Chegaram notícias de um vírus tomando a rua. Há um poder soberano desejando tomar tudo, ordenando quem deve morrer ou deve viver. Que legisla sobre o que pode ser considerado vivo ou morto. Que produz mortos-vivos que sorriem com salários no bolso, ensinando como se deve viver e acreditando num mundo invisível. Veja, Otávio: há ruas mortas, povoadas por corações batendo. Porque só são considerados vivos aqueles que entopem as veias da cidade, como gordura nas artérias. Habitantes da cidade invisível podem morrer. Aos montes. São como o vírus.

Vírus invisível encontrando corpos invisíveis nas ruas da cidade-viva. Quem tem o poder de nomear as coisas, Otávio?

Das varandas dos condomínios, às 18h, vozes clamaram salvação a um Deus. O Deus-vivo é invisível e pode salvar. Corpos invisíveis podem morrer. Vírus invisível pode matar. O que você pode ver, Otávio? Você crê no invisível?

Nunca ouvi tanto falar em saudade. Eu tenho

medo de quando me dizem que o melhor tempo vivido é o passado. Lá de onde você veio, meu filhinho. Nas mãos, carrego a ilusão do agora e me basta. A quarentena é lá fora. O isolamento, aqui dentro. Se o coração bate, é por contágio, Otávio. A vida contorce é no invisível. O que salva ou mata. O que morre.

Toda revolução é subterrânea, subcutânea. A guerra se dá na superfície.

A cidade se move no pontocego, Otávio. Os corpos-vivos, a quem se deve proteger, sempre têm medo daquilo que não podem ver: dos habitantes da cidade-morta, do vírus ou de Deus. Será que só enxergamos a vida naquilo que treme de medo?

Escrevo essa carta na companhia do meu pé de alecrim. Sinto seu perfume invisível, que toma a sala. Endereço essas linhas a você porque, invisível que é, você se move e em mim tem presença.

Como um Deus, um vírus ou um andarilho.

Escrevo-te porque você é a presença que carrego no meu isolamento. Intermitente. Envio-lhe essas linhas porque meu coração está vivo e confio mais no seu pulsar do que no músculo. Antes da forma, há a força. As palavras são forma. A poesia, força. Escrevo-te porque as coisas não têm essência e um vírus, Deus ou a vida só tomam forma quando encontram um corpo. A vida é um sopro, Otávio. Você pode ver o vento?

A rua é mais limpa que a alma de muita gente. O que nos toca é a entrelinha, não a palavra. Que a poesia tenha vez, Otávio. Encontre corpos para sustentar-se e se espalhe, como um vírus.

Enquanto a rua enche, faça morada em mim.

Anita.

11 de maio de 2020.

Duplo sentido



**Patrícia Peterli**

*LEMBRETES NO OLHO DO CAOS*

---

Perdoar as próprias angústias  
Reconhecer as vergonhas  
Atentar para os que não sentem angústia  
Velar por quem se percebe que já morreu  
Incapaz de importar-se com o fio afetivo da vida.  
Entender que soluções são construções  
Longas, lentas, processuais  
Nunca milagrosas  
Jamais dispostas em manuais.  
Apostar em diretrizes  
E usar a experiência a seu favor  
Questionar-se: do que me serviu toda a vida até aqui?  
Observar a lucidez das crianças  
que exercitam mais a dúvida do que o julgamento.  
Permitir o desespero  
Assumir o despreparo frente ao que nunca  
experienciou.  
Cuidar mais das certezas  
do que do medo frente ao que não se tem resposta  
Construir modos de cuidado que tateiem mais  
afetos  
do que pele  
Aceitar que cuidar é não estar ao lado sempre  
E que segurança é muito mais uma sensação  
do que a presença física.  
Buscar o que te faz mais seguro

E questionar se nada parece o bastante.  
Perceber o que te faz balançar  
para que alguma rede te apoie.  
Desconfiar de qualquer ordem que te exija  
harmonia  
E lembrar que a paz requer muita dor para se fazer  
valer  
Portanto, afirmar o direito de sangrar, se preciso  
for  
para conquistar um território de possíveis ao seu  
redor.  
Saber que as mulheres são mais fortes frente ao  
caos  
Porque entenderam desde a primeira tragada de ar  
o que deve ser vencido no braço e  
o que deve se amparar pela via do afeto.  
Aceitar que vão acolher antes de tudo a si mesmas  
E que não são as cuidadoras do mundo.  
Aprender com elas  
Não atribuir a elas o imperativo do cuidado  
como desejaram até aqui.  
– Vocês morrerão à própria sorte–.  
Porque um novo chão está se fazendo  
E nele venta forte  
E ele grita feito uma mulher dando à luz  
E ele exige que embalar Mateus  
não seja ofício de quem o pariu  
Mas que cada filho do mundo  
seja embalado como se fosse seu.  
Produzir um corpo que te sustente com vida  
Antes de produzir capital

que te mantenha de pé  
Lembrar que a crise só se instaura  
Porque o velho não se suportou  
E o novo precisa ser inventado.  
Lembrar do risco do pânico  
Que faz querer agarrar-se ao velho  
A defender “o seu” a todo custo  
A te engessar à figura do indivíduo e às ciladas do  
“eu”  
Guiar a raiva para que ela não te destrua  
Projetá-la para tudo aquilo que apequena ou  
assujeita a vida  
E compreender que podes anestesiar  
o teu corpo e os teus dias  
Que podes usar toda tecnologia que  
iluda ou mascare o gotejar do tempo  
Mas será irremediável aceitar que  
Toda crise só é superada  
Quando se pare um mundo novo  
Sem barreiras entre o fora  
e o dentro.

-Patrícia Peterli-.

30 de março de 2020

### **Marina Fortunato**

*LEMBRETES NO OLHO DO CAOS*

---

Penso que devo observar animais a caçar. Admirar  
como se mostram os músculos das coxas felinas  
que correm pela savana atrás de suas zebras.  
Tenho vontade de pisar no mato seco, de queimar

ao sol e solo africano e, de quatro, espreitar a carne. Olhar felinamente entre o mato e ensinar ao meu filhote que na jugular não tem erro. Não preciso ser felina, nesse caso, é só questão de identificação. O que precisa mesmo é ser selvagem. Eu moro na selvageria, eu moro na poça de sangue. Também tenho me assemelhado às cobras, porque gosto de me rastejar. Dizem que os olhos da alma moram nas solas dos pés, porque é de lá que se vê a terra. Mas cobra não tem pé! É o próprio corpo inteiro que em silêncio se arrasta em direção ao bote. O olho da alma é, na verdade, o próprio corpo da cobra. No baralho cigano, a cobra tem mais de um sentido e significado, mas em primazia significa alerta, atenção. Pra dar o bote, é preciso silêncio. Pra pisar no mato, não pode ter barulho, porque, senão, não tem jugular. Senão, não tem caça, não tem sangue pra escorrer. Mais do que tudo isso, preciso ensinar meu filhote a correr. Mesmo que, pra isso, se abandone o silêncio.

Percebi que muito falo com ele de comunismo, mas muito pouco de predador. Embora rosnemos ao capitalismo, tenho mostrado como escapar de suas garras? Não. Não, porque também não sei. Nessa selva, eu também sou presa fácil. Eu também não sei correr tão bem assim. Mesmo pisando em silêncio, mesmo me rastejando em mato. Podemos até traçar a caçada ao farejar o futuro, mas o predador procria como um coelho e corre como um jaguar. Corre atrás do tempo até parecer mais veloz que ele. As histórias contam que o mago fracassado é aquele que tenta voar mais alto que o céu, neste caso, tenta correr mais rápido que o tempo. Assim, por exemplo, Ícaro teve suas asas queimadas e caiu. Voou perto demais do sol. Tenho a impressão de que essa é a lei. Lei que diz sobre os mitos da falência. Há de cair, há de morrer. Mas, enquanto isso, não sou eu quem vou ficar olhando para o céu. Vou vendo como

ensinar a se desdobrar como gente, caçar que nem onça, rastejar feito cobra. No final, terei fracassado inúmeras vezes. Vão me culpar por tudo, vão esquecer meu nome e me chamar por mãe. Até lá, vamos comendo da carne e bebendo do sangue de cada um desses aí. Mas em silêncio e pela jugular.

Jugular – Marina Fortunato – Diário de quarentena

### **Dimitri Fortunato (8 anos)**

*(Título em aberto para livre interpretação)*

---

Água cai água pinga

Sei que não gosta de seringa.

Vamos lutar de corpo inteiro, tudo contra o governo... eu e você

[iê iê iê iê iê.

Posso parecer...que não consigo cumprir o dever...

Mas tem que conhecer para isso dizeeeeer...

Eu sou louco, mas quem não é?

O livro se diz sábio? O criador mentiu pra nós

Mas será que é verdade? Quem tem lealda de?

### **Dimitri Fortunato (8 anos)**

*Poema que é poema*

---

Eu sou um poema

E gosto de rimar

Belo eu sou sem querer me gabar

Eu me acho mais belo que o mar

Podem me achar chato  
Mais eu sou grato  
Me acham lento  
Pelo menos não sou tormento  
Leve como o vento...

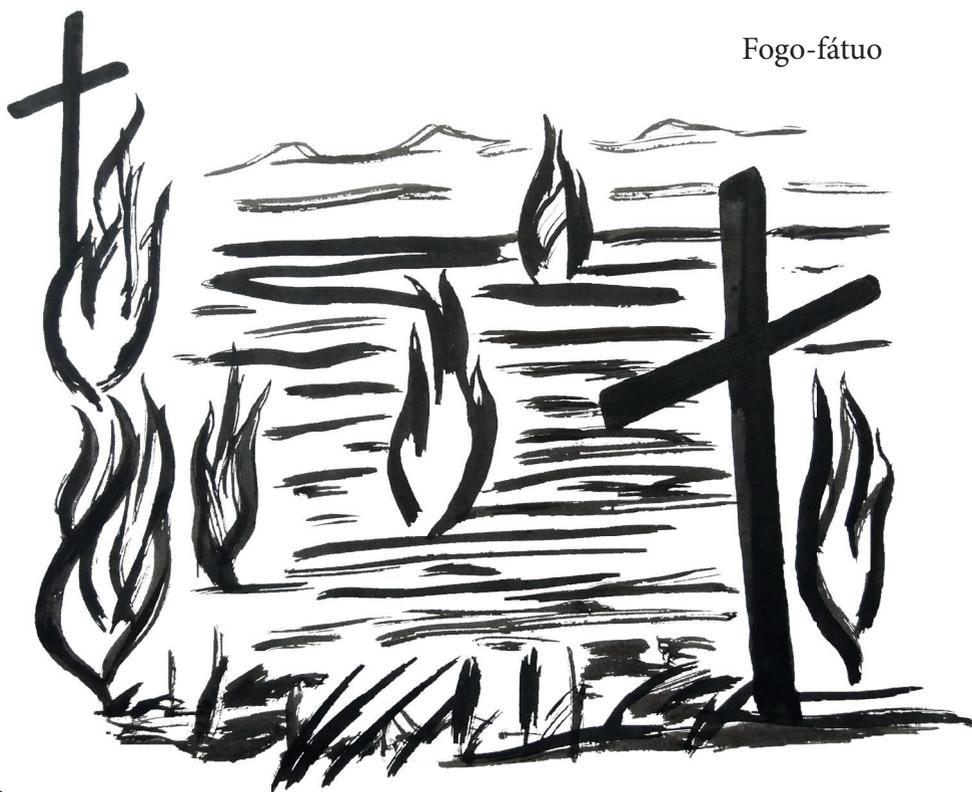
### **Carolina Rocha**

*Os confinados*

---

Diário de um confinado  
Pode tentar não ser quadrado  
Mas qual grupo quer ser mostrado?  
Diário de um confinado  
Álcool em gel para todo lado  
Máscaras, homeoffice, estar sozinho e terapia  
Ter uma internet que não falha, não mia  
Seria a opção da maioria?  
Mas tem quem assiste e se sente identificado,  
Por estas iguarias de um confinado..  
Problema nenhum  
O problema é achar que é assim que se dá por todo  
lado  
E que todo confinado tem computador, celular 4g e  
entrega de pizza  
Tá difícil, né, meu parça  
Mas tem gente que sabonete é muito caro  
Dentre outras regalias.  
A gente precisa resolver algumas coisas antes  
Antes de generalizar todo confinado!

Fogo-fátuo



**m o**

---

o fim do indivíduo, que, dividido, é subtraído  
ou talvez traído, por ter submetido, envelhecido  
arrastado, invisível, nunca teria existido  
ou talvez ouvido, o sussurro cumprido, sofrido  
da vida, do morro, do outro indivíduo  
que, no alto, é perdido  
que espelha ausência, a vergonha de não ter vivido  
sussurrada no ouvido, não escuta, transmuta, o  
passado partido  
envolve, entrega, dói, lento no tempo perdido  
não morre, mas não permanece, sobe, desaparece,  
pois nunca foi vivo

### **Maria Carolina Freitas**

*Marco Marciano*

---

Este é o marco marciano. Não sei contar que dia é  
hoje, embora saiba sua data.

Este tempo... escorregadio.

Marco zero.

Não porque seja o ponto de início. Nunca sabemos  
qual o início das coisas.

Diria Deleuze: estamos sempre no meio. Diria  
Drummond: sempre chegamos cedo demais,  
sempre chegamos tarde demais.

Mas a sensação, por ora, é a de que não sabemos  
nada das chegadas.

O ímpeto é o de construir um ponto equidistante  
entre o atlântico e o pacífico...

Tentar uma visão... um devir índio... índio que virá...

virá que eu vi.

Não sei.

Retorna-me a voz daquela velha preta.

No pensamento lá estão elas: algumas imagens das mulheres pretas. Como são fortes as mulheres. E uma delas tem o nome de minha mãe. Como são fortes certas mães, senão todas. Como são loucas e divinas. Como são sanguíneas, úmidas, cavernas e colos, como são medicinais, como são suores, quentes e lágrimas. Como são memórias. Correntes. Fluxos e passagens.

Meu corpo inteiro dói. E ainda não sei a resposta a Neruda: “o que pesam mais na cintura: as dores ou as lembranças?” Só, sinto com ele: nada se repete. Tudo se repete. Mimese infinita do diferir-se. Enigmaticamente, isso.

E o mundo quando parece desabar, está ele a reluzir. Difícil paradoxo de penúria.

Tenho todo o sentimento do mundo e, talvez, menos que duas mãos.

Tantos meninos na rua, tanto choro e vela, tanta interrupção à espreita, tantos martírios esquecidos, outros apagados, tantos ainda ignorados.

Ignóbeis homens mesquinhos: como podem fechar os olhos às misérias do mundo? Em qual travesseiro podem repousar suas cabeças de papelão?!

Mas é tarde. Minha filha dorme ao lado. Meu homem ainda trabalha. E a despeito da roda viva, que permanece a girar ... apesar da guerra que se insinua e das posições que se configuram à revelia de nossos desejos de potência e conexão ... lá fora também faz algum frio e o corpo pede água quente e meia luz. Fogo? Pedras? Pólvora?

Talvez, apenas descanso.

Lembrar que o descanso justo é aquele que realimenta outra luta amanhã. Insistência viva. E escuto a vozinha da menina antes de dormir: “Até que foi bom...” conseguindo entregar-se, depois da peleja do dia, nos braços dos sonhos que a escuridão pode trazer.

Diário de quarentena – 14/05/2020.

### **Maria Carolina Freitas**

---

Diários de Quarentena – 24/06/2020

Ele havia feito uma intervenção poderosa. Não sei se intencionalmente.

As coisas são mais poderosas quando vêm inconscientemente, pois mostram a intensidade que têm. É que acabou por inverter o pensamento nietzscheano de forma ainda mais audaciosa.

Ao abismo que olha para dentro de ti, se olhares demasiadamente para ele, ele apontou: pode-se olhar para o oceano. O oceano pode olhar de volta para gente.

O oceano olha pra gente.

Foi então que me lembrei do ensinamento de Ginzburg, tal como Estier, de Proust, a necessidade de pintar o mar ao revés.

Pintar o mar ao revés.

Como nos aponta Matilde Campilho: “é bom renovar o espanto da gente”. Ou como descobre Graciliano Ramos em “Infância”: os ossos dos mortos serão também como os nossos, amanhã.

Há algo que nos liga. E, também, há algo que nos ultrapassa.

É preciso contar as mortes. Contar as lutas. Contar os dias. Mas muito mais preciso é empenhar o vivo, cotidianamente, cultivando seu espanto. Sua

in-fância. Mia Couto nos mostrou: buscar falar as línguas incommunicáveis. As línguas invisíveis. Aquelas do caos seminal. A língua que todos um dia tivemos. Uma língua compreendida apenas em linguagem onírica. Mágica.

E ao mesmo tempo em que descobriríamos, assim, não escapar à morte, conseguiríamos, ao menos, enfrentá-la. Balbuciando uma linguagem sonhada, caótica. Também fio de ouro, de algodão doce, ela frágil e, paradoxalmente, potente.

Quase como uma linguagem original. Ou aquela que encontraríamos na hora das passagens, das portas entreabertas, revelada a autoridade moribunda. O susto do justo.

Daquilo de que não se foge, e sim que se encontra.

À amiga querida, eu diria: sim! Nosso corpo dói. A luta diária contra os males crescentes têm se tornado insuportável. Mesmo assim, insistimos. O mar olha pra gente. O oceano, ao contrário, torna-se horizonte. E o horizonte nunca é uma linha estável.

A estabilidade é uma ilusão danosa. Nos incita ao cansaço porque nos põe a esperar.

Não esperemos.

Do caos e do abraço à pedra é que descobrimos nossa força. Nós de força.

Aos amados, debruçar-nos em costura de pontos de alegria e quentura, para algum conforto, onde repousar a cabeça. Dia seguinte, levantar. Despedir, voltar. Ainda quando privados dos abraços.

Insistamos.

Busquemos a língua in-fans. Aquela que brinca diante mesmo do perigo.

Ao amante, emprestar a sede. Dividir vinho rubro.

Encontrar o gozo perdido. Ainda que por um breve segundo esvanecescente.

Aos amigos, confabular sonhos. Confabular lutas.

Traçar coletivos de olhos atentos, escancarar o que os criminosos temem: fazer a política da amizade vibrar, ressoar, atingir, até que eles tenham o próprio mal e amargura.

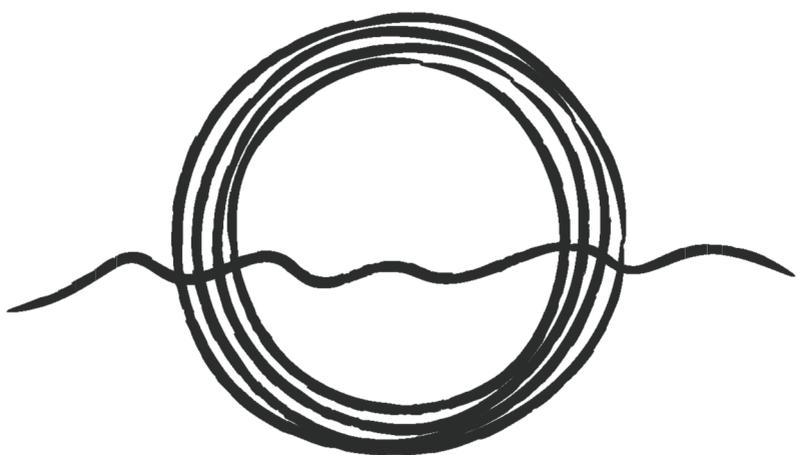
Daí acolher os pequenos e suas palhaçadas para nos lembrar que somos capazes ainda de rir, gargalhar, encontrar graça e beleza para alimentar o espírito e a palavra. Eles nos oferecem os banquetes. Aceitemos. Partilhemos.

E assim, os joelhos desconjuntados se erguem e os olhos tornam a fitar o infinito.

### **Maria Luisa de Andrade Freitas**

---

Minha trepadeira brotou hoje. Num movimento de resistência e rebeldia, aquele raminho magrinho, que me deram em Olinda, mostra a potência de sua pulsão de vida. Me emocionou ver sua forcinha, arrebrandando o caule quase desenganado, como se me dissesse: “é assim, moça, que a gente resiste, com calma e persistência”. O brotinho conseguiu me fazer dizer a um aluno aflito que, apesar do cenário caótico, estamos vivos e, assim, podemos resistir. Percebi seu abdômen se inflando, como se tivesse tido três segundos de sossego e confiança. É no presente que a gente germina e salva segundos.



**UNIVERSIDADE**  
DO ESTADO DE MINAS GERAIS |   
**UNIDADE DIVINÓPOLIS**



**MINAS**  
**GERAIS**

**GOVERNO**  
**DIFERENTE.**  
**ESTADO**  
**EFICIENTE.**

ISBN: 978-65-00-14679-0